

mãos, agarraram no rabo das enxadas, ergueram-nas, baixaram-nas — anh! anh! —, cavaram...

O «patrão» fazia advertências:

— O Palmas, dá-me fôrça nessa enxada. Que diabo! parece que o jantar te fêz mal. António Calado, vê-me êsse corte!... — E para o Libório, que chegava:

— Que raio, também tu só quando se começa o trabalho é que te há-de vir a vontade de dar-de-corpo!

O sol estava de rachar. Quebrados em dois, os ganhões apanhavam-no de chapa. Suavam em bica.

Vagarosas e monótonas as horas foram deslizando. E à maneira que elas iam deslizando, a luz amelaçava-se. E só quando abertamente a noite começou a descer por montes e vales, os cavadores despegarão. Já então as aves recolhiam.

Com a sombra — tinta nanquim a tombar do alto — uma doce serenidade descia. As árvores e os céus tornavam-se perflexos e muito vagos, nem que a hora fôsse de meditação e assombro.

Iam derreados, os ganhões. Numa encruzilhada, três pedras dispostas em cruz, historlavam morte de homem. Êles desbarretearam-se, humildes, com um grande mêdo ao sobrenatural.

Uns passos adiantados, Serafim descrevia a três dos companheiros a vida em França. E numa admiração:

— Aquilo, sim, rapazes! Até dá gôsto de viver. E o dinheirame que lá há!... AQUI, por mais que se labute, nunca se põe pé em ramo verde. Eu, enquanto não tornar a largar, não descanso.

Os outros anuíram. Que também êles iam se pudessem. Que também êles iam...

Ouviam-se já as águas do ribeiro a beljocar os seixos. Deram mais uns passos; e, antes de atravessarem as alpondras, o Serafim, que ripara do maço de cigarros, ofereceu:

— Vai?

O Amadeu não se fêz rogado, ao contrário do Libório, que disse:

— Também tenho, bem hajas.

O Aires, êsse, tirara uma ponta de detrás da orelha e riscava um fósforo.

Entretanto os mais atrasados aproximaram-se. E o Bernardo, no desejo de reatar convivência com Serafim, bons amigos dantes, pediu-lhe:

— Dás-me lume?

— Não dou lume a malandros — gaguejou o outro, todo raivoso.

O Bernardo cresceu para êle:

— Quem é mais malandro que tu? — e ergueu a mãozorra pronto a esbofeteá-lo. Mas não teve tempo. Na luz que morria brilhou o aço da enxada do rival, depois desceu, cravou-se-lhe no crânio. E sem um grito, a jorrar sangue, caiu de bôrco.

“Sol Nascente,, é um trabalho sério de gente nova.

FINALIDADE

Emudeceu a voz do desvario,
Morreram os carinhos e os amores,
Cansaram-se os meus braços de terrores
E os meus lábios cansaram-se de frio.

Eu procurei o ardente, o eterno estio,
Nas fôlhas, nos ribeiros e nas flores,
Procurei-o na chama, nos alvôres
Da madrugada iluminando o rio...

Mas tudo o que é brilhante, nos espaços
Se desfaz brandamente, como o fumo
Que a brisa leva para além de nós...

Por isso se cansaram os meus braços
Por isso o meu carinho não tem rumo,
Por isso emudeceu a minha voz.

Lygia.

“Sol Nascente,,

Saúda a imprensa cultural e literária portuguesa, fazendo menção muito particular a «O Diabo» — cuja obra lhe é grato assinalar como benemérita para o progresso mental do país.

Ver, de futuro, entre outra, colaboração de:

Adelaide Estrada.

Castelo Branco Chaves.

Chasco Hochhauser.

Fernando Mota.

Jesus Amaya.

Joaquim de Carvalho.

José Marinho.

Leonor Borlido.

Luiz Cardim.

Maria Raquel.

Sylvia de Leon Chalmréo.

Vasco da Gama Fernandes.

Viriato Gonçalves.